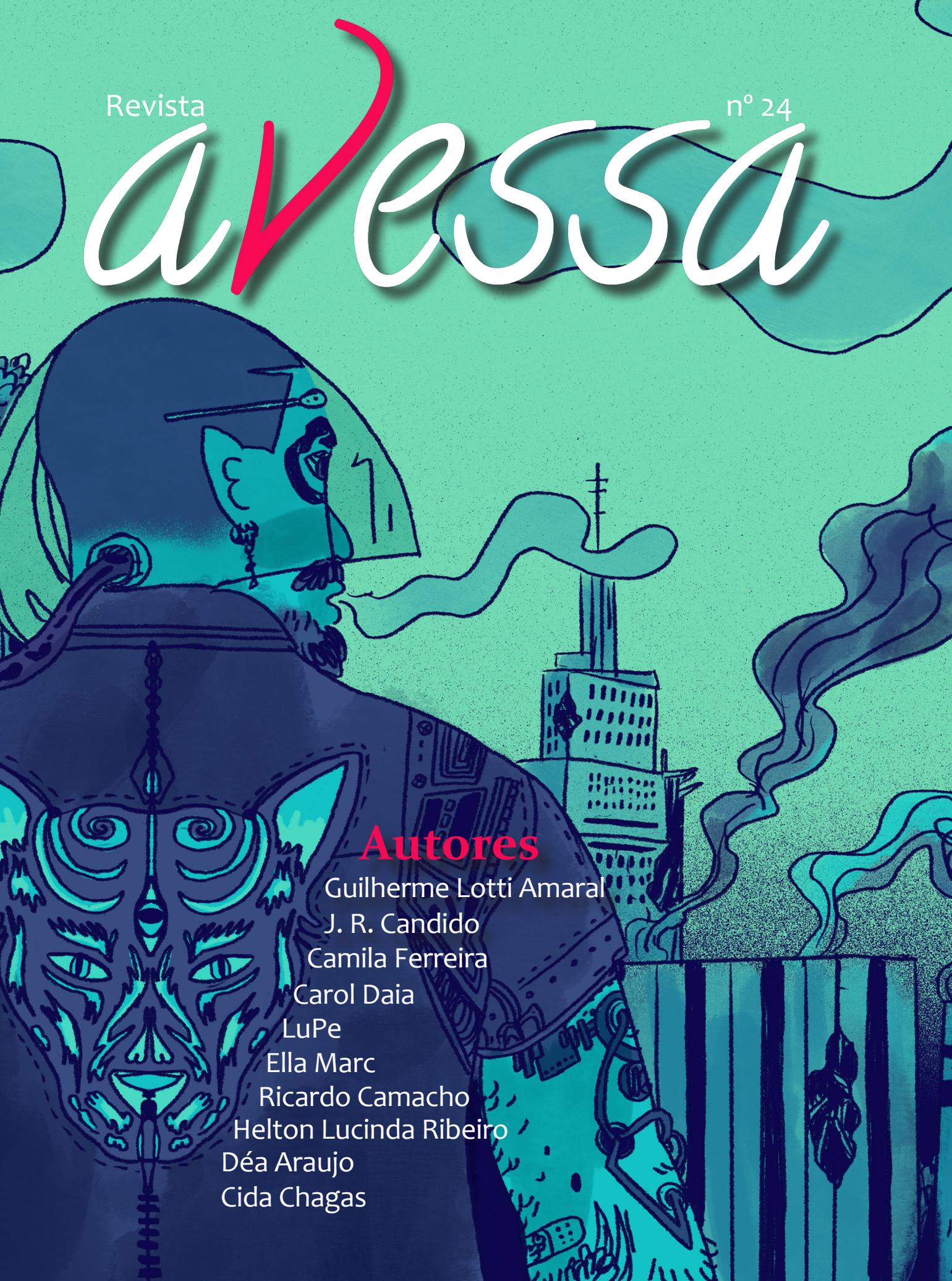


Revista

nº 24

avesssa



Autores

Guilherme Lotti Amaral

J. R. Candido

Camila Ferreira

Carol Daia

LuPe

Ella Marc

Ricardo Camacho

Helton Lucinda Ribeiro

Déa Araujo

Cida Chagas

Equipe

Editora-chefe

Mayara Barros

Conselho Editorial

Claudia Bianco

Mayara Barros

Larissa Bajay

Lucas Nangi

Adeval de Andrade

Projeto Gráfico

Claudia Bianco

Marcelle Andrade

Mayara Barros

Victor Vicente

Vitória Pratini

Capa

Johnatan Marques - @mejohncito

Revisão

Claudia Bianco

Contato

contato@revistavessa.com

www.revistavessa.com

Fone: (21) 992335745

Instagram: @revistaavessa

Twitter: @RevistaAversa

Editorial

E sobrevivemos a 2020. E resistimos. Nossa existência é resistência e não pretendemos abandonar a esperança num futuro melhor.

Quando escolhemos o tema no meio do ano, Hopepunk era algo difícil de ser definido e tivemos medo de que assustasse as pessoas e acabássemos não recebendo nenhum texto. Vocês nos provaram errados e recebemos mais de 100 inscrições!

2020 foi um ano extremamente difícil e queria que todos que se inscreveram - aceitos ou não, publicados ou não - saibam que o fato de que você está aqui é suficiente. E parabéns por ter corrido o risco de colocar sua arte no mundo e tentar publicação, seja com a gente, seja em outras revistas e outros lugares.

Tudo que desejamos é que o mercado literário brasileiro se profissionalize e produza histórias cada vez melhores, para inspirar pessoas a continuarem vivendo, continuarem lutando.

E que continuemos aqui em 2021.


Mayara Barros
Editora-chefe

A revista Aversa é uma iniciativa independente de graduandos do curso de Jornalismo da UERJ. Os textos divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem a opinião da revista. Não é permitida a reprodução dos artigos e textos aqui publicados.

7 1964
poesia *Guilherme Lotti Amaral*

8 Do Amanhecer para
um Novo Mundo
prosa *J. R. Candido*

16 Cura
poesia *Camila Ferreira*

17 Fé Ná Estrada
prosa *Carol Daia*

25 Flor de Sangue
poesia *LuPe*

Fogo no Gelo 26
Ella Marc prosa

O Progresso 35
Ricardo Camacho poesia

Nhanderu 37
Helton Lucinda Ribeiro prosa

Resistência 43
Déa Araujo poesia

Um Tempo que Eu já
Me Lembro 45
Cida Chagas prosa

A Eterna Viagem Afetiva

Guilherme Lotti Amaral
guilhermelottiamaral@gmail.com

Nascido em Farrroupilha, Rio Grande do Sul, cresceu e estudou no Ceará e na Paraíba. Começou a escrever poemas como forma de falar do que sentia em 2013. Aos 28 anos, passou a levar a escrita mais a sério e a se aventurar por textos mais narrativos, como crônicas e contos. Atualmente busca mostrar seus textos para as pessoas como forma de compartilhar sentimentos e visões do mundo.

Exilem-me!
Desgracem-me!
Torturem-me!
Mas não calarão
A minha voz.

Eletrocutem-me!
Rasguem-me!
Queimem-me!
Mas não impedirão
A minha palavra.

Consumam-me!
Destruam-me!
Evaporem-me!
Mas não mudarão
O meu legado.

Pois não sou homem,
Sou ideia;
E ideias
São imortais.

Não sou humano,
Sou flores;
E não se pode impedir
A primavera.

Não sou de carne,
Sou de vento;
E nem montanhas
Impedem a tempestade.

Do Amanhecer para um Novo Mundo

O sol da manhã raiava vagarosamente, Rayli mancava de volta a parte da floresta onde havia deixado sua carroça. Era uma mulher esguia, que aparentava meia idade.

Uma sobrevivente.

Respirava pesadamente e sangue pingava de sua mão esquerda. Cansada, gemeu ao subir no coche para continuar sua jornada, deu um grande suspiro, apertou a manga da camisa em volta do braço para parar o sangramento. Olhos pesados miraram o sol, e num solavanco, o cavalo começou a andar.

Sua mente vagou até uma única frase ao olhar para a pedra amarrada em seu pulso direito: *Eu preciso chegar lá.*

Passado algum tempo, o sol já iluminava melhor a floresta e o caminho não era mais tão silencioso, ouvia as melodias dos pássaros, o vento nas árvores, o urro constante das cigarras do verão e junto a tudo isso, também havia o ranger das rodas da carroça e o vagaroso andar do cavalo.

— Bom dia, Rayli – disse uma voz rouca de criança no fundo da carroça.

— Ei, Guntur – disse Rayli sem olhar para trás onde o garoto se encontrava.

— A Élia também acordou, e me falou que já está com fome.

— É mesmo, Élia? – disse Rayli num tom mais alto, virando-se de costas para observar as duas crianças dentro da carroça.

Élia olhava com olhos negros atentos, fixados no rosto de Rayli, e balançou a cabeça afirmativamente, apontando com uma das mãos para uma boca entreaberta e fazendo um gesto circular com a outra na barriga.

— Agora ela mesmo te disse, não pode dizer que sou eu quem está com fome logo cedo – Guntur riu profundamente como se essa fosse uma piada que apenas ele entendera. Dentes muitos brancos reluziam em contraste com sua pele negra

J. R. Candido
josimar1337@gmail.com

Se palavras nos dão asas, histórias são voos. Psicólogo, professor e aspirante a escritor, alguém contando com a linguagem para fazer do mundo um lugar melhor!



como a própria noite, que por sua vez, era marcada por algumas marcas douradas que vinham de sua testa até sua boca.

Um largo sorriso também se formou no rosto de Élia, grandes dentes alvos apareceram, porém o que mais chamava a atenção era a falta de um deles bem na frente, dando a ela um ar infantil e brincalhão.

Ao ver aquela cena, os olhos da mulher marejaram, e por um instante, sua mente vagou para sua infância, numa época de prosperidade em que não era preciso viver em fuga constante, e o riso era algo mais comum, o mundo não era tão hostil. Apesar disso, um sorriso tocou seus lábios e olhos, o que a fez parecer alguns anos mais jovem.

— Vocês podem comer o pão e o queijo que estão aí atrás, já estamos quase chegando na próxima cidade – disse em seu tom monocórdico, mas que nesse momento, continha uma faísca de vida.

— Em qual cidade nós vamos parar dessa vez, Rayli? Vai ser uma grande cidade como da outra vez? Eu e Élia vamos poder sair? Falta muito pra gente chegar? – Guntur se queixou enquanto Élia olhava-o com aprovação.

Ao ouvir aquelas perguntas, um frio súbito subiu pela espinha da mulher, e se virando pra frente para olhar a estrada, ela disse:

— É a cidade de Trebon, talvez após o almoço já estejamos lá. É melhor vocês se esconderem e não fazerem tantas perguntas.

Guntur a olhou com ressentimento, mas se juntou a Élia que já estava devorando a comida.

Viajaram durante mais algumas horas até que avistaram as grandes muralhas que cercavam a cidade. Antes de chegarem próximos demais, Rayli parou a carroça no canto da estrada, se virou para as crianças e as chamou.

— Élia, Guntur – ela puxou com um solavanco uma parte de madeira que se desprende do canto da carroça, mostrando um vão grande o suficiente para caberem duas crianças. — Vai ser bem rápido, então tratem de ficar quietos.

Contrariados, eles entraram ali e o tampo foi fechado. Naquele momento, a expressão de Rayli a envelheceu muitos anos, como se aquilo a estivesse machucando, o cansaço se abateu diretamente em sua face, e até mesmo suas costas se emborçaram.

Chegando próxima à entrada, desceu da carroça para falar

com os guardas, ao se aproximar, um deles a olhou com desdém e disse:

— O que essa senhora vem buscar na cidade de Trebon? Já não é velha demais para enfrentar a estrada?

— Oh, perdoe essa velha insensata... – e ao falar, sua voz soou enferrujada, exausta - Estou indo pra Duran, vou visitar minha irmã mais jovem que está para se casar, gostaria de comprar mantimentos para mais alguns dias de viagem.

O guarda a olhou de soslaio, com desconfiança.

— Para passar pela cidade, antes eu devo vasculhar a sua carroça. – E se dirigiu ao veículo, subiu no coche e observou dentro dela, mexeu em algumas coisas. — Você não carrega muitas coisas, não é mesmo?

— Não, as estradas são perigosas.

— Você está certa, mas o Reino está se preparando para extinguir aqueles elfos malditos, e voltaremos a estar a salvo.

Rayli se manteve em silêncio e cabisbaixa. Não poderia deixar que percebessem o ódio em seus olhos, que eram de alguém que tinha uma dívida eterna com os elfos.

Devido a falta de resposta, o guarda a olhou desconfiado, e quando começava a falar alguma outra coisa, seu companheiro que até então estava apenas atento a situação, disse:

— Ela é só uma pobre velha, Romeo, pare de importuná-la e a deixe passar logo. – disse em tom autoritário.

— Bem, a senhora ouviu meu superior, pode passar.

Rayli então retomou a carroça e continuou seu percurso; a cidade era quase toda de pedra, ruas sujas eram ocupadas por pedintes, vendedores, cavalos e carroças, todos disputando seu espaço. Ela apenas parou por um tempo onde desceu para comprar mantimentos antes de continuar sua viagem.

Ao avançar por volta de um quilômetro, bateu três vezes no canto da carroça, aquele era o sinal para que as crianças saíssem de seu esconderijo. Dois rostinhos apareceram sorridentes como se não tivessem se magoado por estarem ali.

— Finalmente Rayli, eu não aguentava mais ficar ali dentro – reclamou Guntur.

Élia apenas olhou curiosa e sorriu, virando um pouco a cabeça para a esquerda.

Rayli os olhou pelo canto do olho e disse:

— Amanhã chegaremos onde estamos indo, e isso não será mais necessário.



Passadas algumas horas de viagem em que as crianças se ocuparam brincando com pedras e galho secos, eles entraram por um pequeno caminho no meio da floresta, que foi ficando cada vez mais fechado à medida que se embrenhavam. Pararam quando a carroça já não mais podia continuar. Todos os três desceram, e enquanto se espreguiçava, Rayli disse:

— Guntur, Élia – e apontou para a menina – busquem lenha para nós. Precisaremos de uma boa fogueira hoje a noite, aproveitem para brincar... Amanhã a viagem vai ser dura.

A todo momento, Rayli gesticulava na direção de Élia para que essa pudesse entender.

— Eu vou trazer muito mais lenha que a Élia – e ao falar isso, Guntur gargalhou e saiu em disparada para dentro da floresta, começando a pegar galhos secos por todo lado.

Élia, com uma expressão de ferocidade, moveu sua mão em um tchau e disparou na direção de Guntur, começando a catar tudo que poderia ser queimado.

Durante algum tempo, Rayli desfrutou do silêncio de estar só, e apesar da calma que a floresta trazia ao anoitecer, sua feição era tensa, e franzia o sobrolho sempre que olhava para a pedra amarrada ao pulso direito.

Ela ainda mancava, e seu braço doía devido ao ferimento que os ladrões infligiram na noite passada, então fazer o buraco para a fogueira foi um trabalho árduo e lento. Ela também soltou o cavalo da carroça e o amarrou em uma árvore.

Quando terminou, começou a tirar várias coisas de dentro de um outro compartimento dentro da carroça. Duas pedras redondas e lisas, um livro e uma adaga. Também tirou os mantimentos que havia comprado na cidade, e duas bolsas de couro que arrumou no lombo do cavalo, que pastava.

Apesar de tentar não pensar na guerra que estava prestes a eclodir, ela não conseguia evitar, pois suas forças vinham da esperança de dar um futuro melhor aquelas crianças que se encontravam em meio a tempestade.

Ela não podia falhar, nem que tivesse que dar sua vida pelas crianças. Elas tinham o direito a crescer e fazer do mundo um lugar melhor.

Quando as crianças voltaram, tinham os braços cheios de galhos secos e folhas, que foram jogados no buraco que Rayli fizera. O sol já se punha, e a escuridão abraçava a noite.

Guntur quebrou o silêncio com sua voz entusiasmada.

— Rayli, a gente subiu em uma árvore muito grande, assim como você me ensinou a subir e procurar pelos galhos certos; e de lá de cima, a gente viu até mesmo a estrada.

A mulher os encarou com um olhar contemplativo, enquanto abria levemente um sorriso ao ver os rostos das duas crianças, e nesse momento, a tensão se esvaiu de seus ombros... A vida já não parecia tão pesada.

— Guntur, venha, acenda a fogueira, mostre a Élia como você tem treinado – disse Rayli em um tom calmo. O menino foi em sua direção, e pegou as pedras que ela tinha em mãos. — Se lembre, você não pode bater elas com força demais.

O garoto fez como Rayli havia dito, e algumas fagulhas começaram a surgir. Os olhos de ambas crianças radiavam alegria, e era perceptível a atenção que Élia dava aos movimentos do menino, os repetindo com suas próprias mãos vazias. Rayli ajeitou as folhas que começaram a pegar fogo, e com um firme olhar de aprovação disse:

— Eu não esperava menos, você é mesmo como sua mãe. — E então ela dirigiu seu olhar para Élia, pôs a mão em sua cabeça e disse: — E você, eu te vi imitando seu irmão... seus olhos tem tanto fogo quanto os de seu pai, logo será a sua vez. — Enquanto falava, ela gesticulava.

Élia batia palmas com suas pequenas mãos enquanto Guntur dava um risinho tímido, mas em seus olhos negros como o próprio carvão, havia um grande brilho de orgulho.

Naquele momento, Rayli sentiu como se fosse merecedora de todo carinho que as crianças vinham lhe dedicando, e viu que ali havia um vínculo maior que apenas mestra e alunos... Ali havia algo que poderia mudar o mundo, algo que ela mesma vivenciou quando criança.

Durante algum tempo, eles comeram em silêncio ao redor da fogueira, como se todo o cansaço da jornada houvesse sumido. Ao terminar sua refeição, Guntur logo olhou para o livro ao lado de Rayli e disse:

— Rayli, hoje é minha vez de escolher a história, né? Você podia contar a história de Heilliger?

— Heilliger, a grande cidade dos elfos? — e assim ela pegou o livro, o folheou, e ao brilho da fogueira começou a contar a história. — E era uma grande cidade, árvores com troncos mais grossos que moinhos serviam de casa para aquelas majestosas pessoas de pele negra como a própria noite, em suas faces ha-



viam riscos e desenhos dourados que simbolizavam as mais diferentes virtudes as quais eles carregavam em suas almas. Seus habitantes, sempre em harmonia com a floresta, retiravam da montanha as pedras brancas que serviam de ladrilhos para as ruas, o branco das ruas reincidia nas folhas das árvores, fazendo com que houvesse sempre um brilho mágico naquele local.

Pigarreou, limpando a garganta antes de voltar a leitura – contar aquela história dava-lhe a esperança de que um dia os elfos poderiam ensinar suas artes aos humanos, e não mais existiria tanta guerra e preconceito... talvez aquelas crianças seriam o início dessa paz entre as raças.

— Todos ali eram muito prósperos, não havia sujeira ou mau cheiro nas ruas, era tudo de uma organização ímpar; ainda assim, o que mais se destacava era a forma como cada um ali se portava, rostos altivos, sérios, mas que não carregavam orgulho, apenas uma clara certeza de que todos ali partilhavam das maiores bênçãos que a natureza poderia dar. Junto de suas roupas das mais variadas cores, muitos traziam em seus pescoços, orelhas e outras partes do corpo, adornos do mais dourado e reluzente ouro, tais joias ofuscavam as joias humanas, tamanho era seu esplendor – Rayli recitava aquelas palavras quase que de memória, usando o livro apenas como referência. Sua voz era forte como o trovão, mas ao mesmo tempo, suave como o rio que corre lentamente. Deixando as crianças quase que hipnotizadas, ela contou a história de Heilliger, a grande cidade élfica. Ao finalizar, Guntur foi o primeiro a se pronunciar.

— Eu queria saber por que nossas cidades não são como a dessa história, a cidade de Trebon fedia, e as pessoas estavam por todo canto como se nãooubessem ali.

Ao escutar isso, o coração de Rayli disparou, e logo ela perguntou em tom nervoso.

— Como você tem certeza que em Trebon haviam muitas pessoas? Você não deveria ser capaz de ouvir ou ver muitas coisas de dentro do esconderijo de vocês!

Guntur se assustou com o tom de Rayli, nunca havia visto ela levantar a voz ou falar tão rápido.

— Eu estava entediado de ficar lá dentro e saí para ver um pouco enquanto você não estava na carroça – Seus olhos faiscaram de raiva ao responder, apesar do medo, ele não entendia o porque tinham que se esconder sempre que chegavam em uma

cidade.

Os olhos de Rayli perderam o brilho, como se a vida houvesse os abandonado, e em um tom quase inaudível ela disse:

— Precisamos sair daqui agora. Se alguém te viu, estamos sendo perseguidos. Andem, montem no cavalo – E ao falar isso, ela começou a jogar terra em cima da fogueira e a pegar tudo que tinha para colocar nas bolsas no lombo do cavalo; ela também agarrou Élia em seus braços, que até então, apenas olhava assustada para a conversa dos dois.

Rayli guiou o cavalo floresta adentro, vendo pouco a sua frente, pois a luz da lua não adentrava muito a copa das árvores, e se estivessem sendo perseguidos, uma tocha era entregar sua posição.

Apenas as crianças estavam montadas, e o progresso deles era lento. Sempre que possível, Rayli se orientava pelas estrelas vistas nas brechas das copas das árvores. O ar estava denso desde que eles começaram a se embrenhar na floresta, e nenhuma palavra fora dita após a ordem de Rayli, Élia pendia do cavalo, cochilando, e seu irmão fazia de tudo para mantê-la em pé. Não houve sinal de perseguição até o alvorecer, e quando o sol raia-va, eles escutaram os cachorros e o grito de algumas pessoas dizendo que haviam encontrado o rastro deles.

A floresta já não era tão densa, e as crianças estavam acordadas. Vendo a situação em que se encontravam, Rayli puxou com delicadeza o rosto das duas crianças e olhando fundo nos olhos delas, disse:

— Foi uma longa jornada, ela não deve acabar aqui. Vocês vão seguir nessa direção – e apontou para onde estavam indo.

— A cidade de vocês fica em meio as duas maiores árvores dessa floresta, vocês não pertencem a esse mundo. Mostrem essa pedra a quem quer que vocês vejam que seja como vocês – e tirou a pedra que estava amarrada em seu pulso, entregando-a a Guntur.

— Não olhem pra trás.

O tom de urgência na voz de Rayli os deixou com os nervos à flor da pele, e mesmo com as palavras não ditas eles haviam entendido que corriam grande perigo.

Com essa última fala, ela beijou as testas de ambos, e bateu no lombo do cavalo, fazendo com que ele começasse a trotar. As crianças olharam para trás com os olhos em lágrimas, e Guntur gritou ao longe:

— Vamos te esperar Rayli, nós só temos você!

Ela os observou até que sumissem; pegou a adaga que estava amarrada em sua cintura, subiu em uma árvore e esperou, com lágrimas se derramando em seu rosto.

A primeira pessoa que passou por ela foi um velho com um cachorro, ele carregava uma tocha e era corpulento, com ombros largos, Rayli desceu da árvore silenciosamente e o golpeou por trás, derrubando-o sem fazer barulho, mas o cachorro começou a latir e quase instantaneamente, ela ouviu mais e mais gritos vindos de muitas direções.

— É o velho cão do Roberto, vamos atrás dele!

— Ele deve ter achado aqueles malditos, corram!

Rayli então disparou em meio a floresta, seguindo por onde as crianças estavam, ela queria ver o amanhecer que elas trariam ao mundo, não queria morrer ali.

Mas já era tarde e os perseguidores a viram fugir, indo atrás dela sem pestanejar.

Com as emoções à flor da pele, tudo que passava em sua cabeça era que ela tinha que dar tempo para eles chegarem a Heilliger, e mesmo que não sobrevivesse, ela havia cumprido a vontade de sua meia irmã, morreria e... Não, ela não podia morrer, eles a estavam esperando.

Rayli parou e decidiu lutar, não importava quantos vinham tomar sua vida, ela devia sobreviver e chegar até a grande cidade dos elfos.

A batalha foi árdua, ela corria, se escondia e de pouco a pouco, tomava a vida de cada um de seus caçadores, mas eles eram muitos, e ela foi sendo ferida e perdendo sangue, até que não aguentou... Desabou, e olhando para o céu, desejou que as crianças estivessem a salvo.

Quando os caçadores se aproximaram, ela já estava se entregando ao doce beijo da morte, até que uma flecha passou zunindo por cima de sua cabeça, e o homem mais próximo caiu ao seu lado, diversas flechas vieram e aqueles que a estavam perseguindo, agora corriam na direção oposta.

Caída, sem conseguir se levantar, ela não entendia o que estava acontecendo, mas desmaiou de dor e alívio ao ver dentes cristalinos e a falta de um deles aparecer em seu campo de visão, com um pequeno e silencioso sorriso seguido de uma voz rouca de alguém que havia chorado e gritado.

— Nós viemos te buscar Rayli, eles são como nos, vão nos ajudar!

Cura

Nos dominicais dias sagrados
contentamento das pretinhas
no tanque, os cabelos lavados
desembaraçados a duras penas
Nos birotos de mãe, torcidos,
o dia todo presos nos grampos
secando no calor dos ventos

O homem caminhando luas, mas
no fogão, os dentes quentes
continuavam ardendo couros
Pente de ferro nas chamas
preenchendo espaços ociosos
de autoestimas escondidas
entretanto incinerando almas
resvalando orelhas, testas e costas
De todas as nossas.

Das novas, muito novas
às velhas, quase senis. Todas.
Porém a sensação das brisas
brincando nas esticadas melenas
validava: acalentadora de corações.
Fraudes facilmente reconhecidas
nos frescores das chuvas,
velozmente, de volta às jubas.
Tantos cuidados para evitar segregações
não eram páreos às piadas
que sempre vinham amontoadas.

Por anos a fio, tantos fios
das labaredas das cozinhas
aos ácidos, cáusticos, hidróxidos
formóis vis e plásticos
Gerações de naturezas modificadas
A gente tentava seguir as heranças

Camila Ferreira
amoraflor@hotmail.com

Nascida Camila Ferreira, filha de Maria Lúcia Ferreira dos Santos, neta de Nedina Antônia Ferreira e Carlota Conceição Eduardo dos Santos. Orgulhosa mãe de três. Crê na literatura como portal para a liberdade e para a possibilidade de concretização de sonhos.



deleite vindo do balanço das tranças
entretanto nas quebradas
eram aquelas terríveis risadas
dos meninos e das garotas brancas.

Aos entrançados de crinas
fortuna gasta em madeixas
louras, castanhas, lisas
Beleza apenas das outras...
Quantas lesões nas nossas cabeças
Dentro e fora das moleiras

Eis que as verdades ocultadas
tomaram conta dos espelhos
enchendo casas e espíritos inteiros
e se seguiram milhares de cortes
Se marejaram olhos e colos
Dessas dores ancestrais
No toque, enxergadas
Raízes crespas nas mãos
Quanto tempo de imposições
e põe hora nessas contas
centenas de incógnitas nesse xis
Para fazer a quem feliz?

Arrancaram os nossos dos ninhos
Nos impuseram soturnos caminhos
Todavia graças as que vieram antes
que não podiam soltar suas vozes
nem mostrar ao mundo, nossas tradições
a nós, confessavam orgulhosas
Pretas: vocês são graciosas e fortes.

Podemos nos amar como somos
Não precisamos nos esconder nunca mais
Sempre há tempo para mudanças
Hoje, me vendo, nestes instantes
Dona de todas as minhas vontades
De mãos dadas à outras mil manas
Tirando alegria de tamanhas dores
Minha verdade é essa, brio que clama
Cabelo em pé, coroados de flores

Fé na Estrada

Engoli o energético de uma vez e joguei a lata amassada no banco de trás. Sanny dormia ruidosamente ao meu lado, no banco do passageiro. Eu desviei os olhos da estrada por um momento para olhar para ela. Ela parecia tão pequena, tão frágil, como se fosse um origami dobrado sobre o banco. Dormindo, ela não parecia sofrer tanto. Engoli em seco e me virei para a estrada. Acelerei mais um pouquinho. Estávamos a 150 km/h já, mas ela precisava chegar ao hospital naquele instante.

Preocupada, concentrei-me no volante e no pedal sob meu pé. Eu sentia minhas mãos tremendo. Droga, meu corpo inteiro tremia. Devia ser a cafeína. Ou o cansaço. Estávamos dirigindo há quase seis horas sem descanso. A estrada retilínea se estendia eternamente. O sol já estava perto do horizonte às nossas costas. Na nossa frente, a escuridão aos poucos subia.

Sem olhar, procurei pelo amendoim para mastigar o sono que cansava minhas pálpebras, mas o saco estava vazio. Limpei o suor que me escorria pelo rosto. Nós precisávamos chegar logo, mas a estrada parecia interminável.

De repente, um estouro.

Agarrei o volante. Derrapamos pela estrada. Não! Não podíamos! Sanny não podia esperar. Era tudo ou nada. A vida dela ou... Eu gritei, enfiando os dois pés no breque. Sanny já estava acordada com os olhos arregalados. Com suas mãos ossudas, ela se segurou no painel e na porta, tentando impedir que seu corpo de papel escapasse do cinto de segurança.

Rodamos uma, duas vezes, até que o carro parou enfim, e o cheiro de pneu queimado subiu forte. Nos encaramos. Estávamos vivas, parecia impossível. Até que Sanny começou a tossir violentamente. Em suas mãos frágeis veio o sangue, vermelho e contaminado. Virei-me e peguei a caixa de lenços umedecidos que tínhamos no banco de trás. Dei para que ela o limpasse, com o cuidado de não encostar. A última coisa que precisávamos era de mais uma de nós infectada. Sem mim, como ela conseguiria chegar até o hospital?

Eu era sua última esperança.



Naveguei devagar com o carro até o acostamento. Com um olhar, ela me deu permissão para sair. Contornei o carro e vi o estrago. O pneu direito de trás havia rasgado com uma lasca de madeira de ponta a ponta. O desespero entalou na minha garganta. Já era. Já era, não tínhamos mais como prosseguir, Sanny ia definhar no carro e eu seria a culpada, se eu fosse mais cuidadosa talvez, talvez, eu não sabia mais o que fazer...

Luzes. Pelo retrovisor do passageiro vi luzes se aproximando e, quando olhei na direção delas, dois faróis do tamanho da minha cabeça me cumprimentaram. O caminhão, grande tal qual um gigante, parou atrás de nós no acostamento. Eu não conseguia ver quem o dirigia. Até que os freios assobiaram, e a porta do motorista abriu. Um senhor um pouco mais novo que Sanny desceu e se aproximou. Ele teve a gentileza de entrar na frente da luz dos faróis. Um rosto determinado em suas rugas me acenou um cumprimento, e nele eu vi esperança.

— Pneu furado? — Perguntou ele. Apenas assenti. Minha boca seca não conseguia umedecer palavras para responder devidamente. — Você tem seguro?

— Sim. Mas me falta tempo. — Ele levantou uma sobrancelha branca cheia de pelos que apontavam para todas as direções. — Minha madrasta... Sanny está precisando urgentemente de médico. Estávamos indo para a capital até que...

— Não precisa dizer mais nada. — Eu levantei os olhos para ele, reparando na calvície que abria caminho entre suas orelhas. — Traga ela pra dentro. Tenho espaço na cabine.

— Mas, ela...

Ele não me deixou terminar.

— Você consegue trazer ela pra dentro?

— Sim. Claro que sim. — Respondi, sentindo a determinação preencher novamente meus ossos. Se havia algo que eu conseguia fazer era carregar Sanny comigo.

Assenti de novo para o caminhoneiro e fui até a porta do passageiro. Cutuquei o vidro para que ela pudesse se afastar e abriu a porta.

— Você está indo muito bem, Rosa. — Disse ela segurando meu rosto por um instante. Meu coração palpitava.

— Sanny, vai ficar tudo bem. — Eu respondi, mas sabia que ela era quem realmente me consolava. — Vou te pegar no colo, ok?

Ela assentiu. Com cuidado, tirei o cinto de segurança dela

e a segurei. Senti o corpo dela amolecer. Ela era um lençol em meus braços, o qual eu podia dobrar da forma que bem entendesse. Mantendo-a bem perto de mim, eu a levei até a cabine do caminhão. Pedi para que ela se agarrasse ao meu pescoço sem se preocupar com meu cabelo comprido e, num pulo, entramos. Deixei-a sobre o banco e desci para rapidamente recolher nossos pertences mais importantes. Peguei seu cobertor, sua carteirainha de vacinas e o meu celular, além dos nossos documentos. Lembrei-me de pegar algumas garrafas d'água e um pacote extra de amendoim salgado escondido debaixo do banco para caso de a pressão dela cair. Guardei os pormenores na bolsa de couro que levávamos para todos os cantos. Eu queria levar o carro inteiro comigo, mas não podíamos. Então saquei o celular do bolso e disquei o número do seguro.

Subi no caminhão e fiquei entre o motorista e Sanny. O banco da cabine era daqueles inteiriços que cabiam até quatro pessoas. Melhor assim; quanto mais longe do motorista Sanny ficasse, melhor para ambos. Assenti para o caminhoneiro e partimos.

* * *

Já estávamos a postos na estrada quando terminei de resolver o problema do seguro, confirmando que um guincho viria buscar meu carro (mesmo que para mim pouco me importasse o que acontecesse com ele naquele momento). Até o seguro me atender, Sanny já estava dormindo profundamente ao meu lado. A noite dominava os céus. Pelo espelho do retrovisor, eu vi o último raio de luz do Sol sumir no horizonte. Apertei de leve a mão de Sanny. Estava tarde, mas estávamos a caminho.

— O jeito que você cuida dela é muito bonito, menina. — Disse o caminhoneiro sem tirar os olhos da estrada escurecida.

— Oh. — Eu não sabia o que responder, então apenas coirei. Eu já tinha 47 anos, com o cabelo descolorindo aos poucos; achava exagerado ser chamada de menina. Mas aquele senhor devia ser tão, ou mais velho que Sanny, e isso era uma proeza e uma fonte de conhecimento que eu sabia respeitar. — Eu estou apenas retribuindo, nada mais.

— Ela é sua madrasta, é? Por favor, pegue a caixa de chiclete dentro do porta-luvas, sim? — Fiz como ele pediu e, no instante seguinte, ele mastigava ruidosamente. — De qualquer forma, muito, muito bonito esse cuidado. Geralmente somos deixados às moscas, mas você cuida dela como uma mãe. — Ele levantou



um olho para mim, e eu engoli em seco. — Por que então não chama ela de “mãe”?

Meu corpo gelou. Ele poderia muito bem nos jogar para fora da cabine caso soubesse a verdade, então desconversei.

— As pessoas costumam se assustar quando eu a chamo de mãe. Parir e sobreviver é algo que assusta. Eu até me acostumei a chamá-la pelo nome por conta disso. Mas a verdade é que Sanny me criou desde que eu era uma adolescente mimada. Eu não conheci meus pais biológicos.

— Ah, pois. — Fez ele compreendendo a situação. Eu me sentia mal em mentir, mas havia verdade naquelas falas. Vicente, meu padrasto, não viveu por muito tempo. Foi acometido pela praga do sangue cedo demais. — Para qual hospital vocês estão indo?

— O de Santa Cecília na capital, na altura da saída 42. Lá fica o posto médico mais avançado da região.

— Sim, eu conheço. O que ela tem é grave?

Nessa eu não pude mentir.

— Sanny precisa de cuidados diários. Ela costuma tomar uns comprimidos, e eles bastam. Mas hoje de manhã ela acordou com taquicardia e falta de ar. Tivemos de sair correndo, mas a cidade mais perto com o amparo médico que precisamos é, ainda assim, muito longe.

O motorista fez que entendeu com a garganta, um ruído longo e caloroso. Ajeitei melhor o cobertor sobre Sanny e acompanhei o olhar do velho pela estrada. A única coisa que iluminava o asfalto eram os faróis do caminhão. O breu cobria a rodovia e se estendia pelos céus, onde pintas brilhantes salpicavam a atmosfera com estrelas.

— Senhor, qual seu nome?

— Pode me chamar de Caetano. Vamos fazer uma curva, segure-se.

Imediatamente coloquei o braço sobre o corpo de Sanny enquanto a outra mão segurava na aba pendurada sobre a porta. O caminhão, que estava a uma velocidade elevada e eu nem havia percebido, entrou à direita. Estampada pelas luzes dos faróis, vi a placa da saída 42. Meu coração derreteu em esperança. Naquele ritmo, mais meia-hora e logo chegaríamos ao hospital.

— Muito obrigado, Caetano, muito, muito obrigado.

— Não me agradeça, menina. Estou só retribuindo o favor. Franzi as sobrancelhas.

— Como assim?

— Eu já estive na sua situação. Minha mãe, Arlete, que o universo a tenha, sofria da praga do sangue. Ela não durou muitos anos. Deu à luz a mim e morreu mesmo tomando os comprimidos. Morreu enquanto eu ainda era um pivete. Partos costumam ser fáceis, e eles cobram a vida das pessoas quando menos esperamos.

— Ela ficou exposta durante o parto e desenvolveu a doença.

— Bem isso, sim. Tivemos a ajuda de uma parteira. Ela cuidou da minha mãe por semanas, até que veio a falecer. Não sabíamos quem era aquela moça e até hoje eu não sei, mas agradeço a ela todos os dias. O pessoal da vila dizia que era uma anja, imune, mas eu duvido muito.

— Como ela era?

— Tinha um olho de cada cor. Cabelo grisalho, mas era nova. Muito mais nova que você, menina. — A descrição me lembrou a enfermeira-chefe da Santa Casa, mas antes que eu pudesse supor em voz alta, ele continuou a falar. — Essa praga é brava, leva embora muita gente e impede muita gente de nascer também. Muito brava mesmo. Nunca entendi como ela funcionava, mas sempre a temi. Acho que é por isso que não tenho filhos, mas não deixo de ajudar.

— Eu estudei essa doença na faculdade. — Disse. Novamente, a sobrancelha bagunçada se erguia para mim. — Essa praga é chamada de anemia cleptoferosa. Um vírus causa a obstrução do ferro no sangue, como se o roubasse. Isso impede a circulação de oxigênio, comprometendo órgãos e o cérebro. Causa fadiga, taquicardia, falta de ar, palidez. Falência múltipla dos órgãos. Morte.

O olhar de Caetano até Sanny foi explícito.

— Há quanto tempo ela luta contra isso, menina?

As palavras saíram antes que eu pudesse detê-las.

— Desde que nasci.

Caetano anuiu, balançando a cabeça devagar. Há 47 anos minha mãe sofria com a cleptoferosa, a praga do sangue, e por 47 anos nós a mantivemos em segredo.

— Apenas o senhor e o corpo médico da Santa Casa da nossa cidade sabem disso. — Eu disse. — Nem mesmo meu pai ficou sabendo, ele morreu antes que eu nascesse.

Ele não tirou os olhos da estrada.



— E na sua cidade não tinha como amparar sua mãe?
— Sanny precisa de transfusão de sangue. A Santa Casa não tem o porte necessário para uma operação tão delicada. Precisamos de ambiente esterilizado, seringas especiais. — Esfreguei meu rosto sentindo o cansaço bater à porta. — Até mesmo partos eles pararam de fazer, anos atrás, por causa do vírus. Os enfermeiros da Santa Casa nos indicaram para ir até o hospital de Santa Ceciliana, pois lá eles poderiam nos ajudar.

— Com a idade que sua mãe tem, você tem certeza?

— É a minha última esperança.

— E o que vocês farão caso não tenha como fazer a transfusão?

— Eu não sei. — Apertei o canto dos olhos, sentindo as lágrimas subirem. — Eu amo muito minha mãe, não quero perdê-la. A culpa é toda minha. Se eu não tivesse nascido, quem sabe ela estaria bem...

Senti minha mão ser apertada, e era Sanny por debaixo de seu cobertor, acordada. “Te amo” ela sibilou. Eu queria abraçá-la, mas algo me chamou a atenção. Luzes alaranjadas inundavam a estrada. Postes ao redor do acostamento cresciam em quantidade.

Estávamos perto do centro da capital. Tínhamos apenas de descer o viaduto de acesso e logo chegaríamos ao hospital.

— Estamos chegamos, menina. — Disse o caminhoneiro. — Olha isso, tem uma multidão ali.

Franzi a testa. Multidão? Esperei o caminhão fazer a curva.

Foi quando vi uma fila gigantesca na frente do hospital. Pessoas se agrupando em fila indiana, contornando o quarteirão em plena noite de quarta-feira. Enfermeiros anotavam informações numa prancheta, tentando acompanhar aquele monte de gente.

Meu coração palpitava sem acreditar. Meu celular vibrou. Era uma mensagem atrasada da médica de nossa cidade dizendo que havia avisado o hospital de Santa Ceciliana sobre o ocorrido para que eles ficassem atentos. Minha visão ficou turva. Levantei os olhos para a multidão em fila e, conforme nos aproximávamos, eles comemoravam em silêncio. Braços para o alto, palmas em língua de sinais, tudo em respeito ao hospital.

— Prepare-se para correr, menina.

O caminhão parou em frente ao saguão de entrada. Enfermeiros estavam a postos com uma maca, e eu abri a porta da

cabine. Eles pegaram Sanny nos braços com delicadeza e a colocaram deitada na maca.

— Todos eles... — Eu comecei a falar, mas a enfermeira assentiu.

Antes de ser levada, Sanny acenou para mim uma última vez e eu agachei no asfalto sem conseguir respirar.

Todos ao redor permaneceram em fila, e confirmei minhas suspeitas.

Mesmo com a praga do sangue, eles vieram.

Vieram resgatar uma senhora já no fim da vida.

Vieram doar sangue para minha mãe.

Carol Daia

coraldaia@gmail.com

Sou mulher bissexual, moro em São Paulo. Sou mestra em oceanografia biológica e escrevo ficção há 15 anos. Publiquei meu primeiro livro, “Lua Errante”, pela Ed. Multifoco e tenho contos publicados na Faísca da Revista Mafagafo e pelas editoras CHA e Wish.

Flor de Sangue

LuPe

professorlucianoperes
@hotmail.com
Formado em
Letras e Literatura Vernáculas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Sou natural de Araranguá/SC, professor de Português e Literatura e medido a escritor. Tenho dois livros publicados, “Eu confesso Morte e Vida”, pela Chiado Editora, e “Poemas Uterinos”, auto-publicação Kindle, da Amazon, em e-book e impresso. Sou pai e avô. Minhas paixões são as letras, as motos e viagens.

Luz cinzenta,
Que banha as cidades
E pela janela entra,
Tenta
Afugentar liberdades;

E o frio,
Que o sol não veio vencer,
Como entropia,
Quer igualar as almas
Em um mesmo proceder,
Mesmo abraço de agonia,

À mesma trajetória,
E finalidade,
Promovidas pela ganância
E pela individualidade;

Sobre os destroços
Do seu progresso,
No afã de dominar,
Desfila seu manto carmim
Por descaminhos sem fim;

Julga e subjuga
Sob o fino salto
Da infalível razão,
Classificando as gentes
Segundo a sua pretensão;

E devasta
Sua própria existência,
A devassa vaidade,
Presunçosa da sua sapiência
Em crueldade;

Põe o preço sobre o valor
E o medo sobre o abraço,
Em uma guerra sangrenta
Em que tenta matar de dor
A leveza sob o aço;

Já não importa mais,
Se vida ou morte,
Tanto faz,
O mundo agora é umbigo,
Que jaz,
Sem sorte,
Sob domínio inimigo;

Território controlado,
Objeto pessoal,
Terra que tem dono,
Institucional;

Mas na paisagem desolada,
Cinza e fria,
Por entre os restos mortais da humanidade,
Um som, ao longe, quase inaudível:
O Rock da liberdade;

É ela,
A imortal e doce
Que se levanta e insiste,
E com bravura
Não desiste;

Enquanto houver
Uma única cor,
Uma flor sequer,
A chance de uma lágrima sincera,
Vale derramar todo o meu sangue,
Quem me dera,
Para regar poesia.



Fogo no Gelo

Pequenos flocos de neve flutuam ao nosso redor como cinzas de um violento incêndio.

Ignoro, concentrada demais na minha irmã para lidar com minha usual irritação com o inverno.

O rosto dela insiste em continuar a sorrir diamantes enquanto acena de volta para a multidão, se despedindo. Uma multidão composta em sua maioria pelos apoiadores do rei. Porém, mais atrás, reconheço o rosto dos famintos entre o povo. Sempre os mesmos olhos opacos e desesperados. Seus lamentos me dilaceram.

Uno as mãos pálidas com força em frente ao corpo e permaneço imóvel ao lado de minha irmã, voltando a observar a máscara que ela sustenta com excelência, aperfeiçoada por anos de prática.

Ela está partindo. Um alívio, uma agonia. Duas faces da mesma moeda. Ela jamais me diria, mas eu sei que ela se sustenta em pé apenas pela graça misericordiosa dos analgésicos e uma por determinação implacável, fruto de seu poderoso coração.

A pele perolada, apesar do frio, tem uma estreita camada de suor brilhando, mas fina demais para alguém ver de longe. Ela ergue uma mão trêmula e alinha os fios de ouro atrás da orelha, dois tons mais claros que o meu, mas que há três dias estava encharcado de sangue. Então, bem devagar, alisa uma dobra do vestido de seda azul prateado. O mesmo que esconde todas as bandagens que envolve seu dorso e braços torneados. Cobrindo seus ferimentos, as marcas profundas da ira de nosso pai.

Ainda consigo ouvir o sussurro do chicote afundando, sem nenhuma cerimônia, nas costas da minha irmã. Fecho minhas mãos em punhos. Estremeço e não sei se é devido ao frio. Como deixei as coisas irem tão longe? Era um plano tão simples, um percurso executado tantas e tantas vezes.

Meu olhar encontra o de uma criança faminta que esperneia ao ser carregada sob o ombro de um guarda real, para longe de nós. Eu deveria me arrepender, certo? Minhas ações mais

uma vez haviam infligido uma dor física além do imaginável a minha irmã.

Tremo e limpo da manga do meu vestido a camada de neve úmida que ousou pousar em mim, então, cruzo os braços em busca de calor quando uma brisa salgada e gelada penetra o tecido do meu sobretudo.

Por quanto tempo mais aguentaríamos viver assim? Sempre pisando em gelo fino em nossa casa, frágil como vidro. Um deslize meu, ela sofre. Um deslize dela, eu sofro. Não, nós duas sofreremos. Não consigo lembrar ao certo quando nosso pai começou a jogar esse jogo, mas ainda lembro da primeira vez que fiz minha irmã gritar ao pagar por uma falha minha.

Engulo em seco. Eu queria abraçá-la, confortá-la, segurar suas lágrimas e, acima de tudo, eu queria salvá-la. Da dor, do nosso pai, de mim.

Ela junta as sobrelhas douradas e, em um movimento sutil, coloca a mão sobre o lado direito do corpo, como se tentasse segurar as costelas no lugar. Outro pedaço do meu coração se parte. Eram para ser meus ferimentos, minha dor, meu castigo.

Afasto o olhar quando uma lágrima quente arde no meu olho como brasa. A amparo antes que role. Não tenho direito a elas.

Engulo o ar e volto a avaliar o rosto sereno da minha irmã, onde uma pequena linha se destaca entre suas sobrelhas douradas, um sinal da exaustão dela que estou habituada demais de encontrá-lo ali. Ela cruza seu olhar com o meu e, por um segundo, vejo uma emoção cintilar. Uma que não mereço. Não vinda dela. Não da minha querida e amável irmã. Não agora depois de tudo. Mas ela insiste em encontrar na alma e me oferecer amor e perdão.

Essa é nossa maior fraqueza. Uma que nosso pai sabe muito bem como usar contra nós.

Desvio o olhar, mas é tarde demais. Ela viu meu interior destroçado.

Sua mão encontra a minha.

Tão cálida, tão gentil.

— Não faça isso — pede num sussurro, com os lábios ainda sorridentes e os olhos translúcidos fixos na multidão. Quero dizer que não estou fazendo nada, mas não gosto de mentir para ela.

— Estou tentando — murmuro.



— Então tente mais um pouquinho. Já falamos sobre isso. Não é nossa culpa — ela pondera e aperta minha mão. — Não se arrependa, era o certo a se fazer. Você foi corajosa e eu estou orgulhosa.

Tomo um longo gole de ar na esperança de que aplaque o incêndio em meu peito. Um plano tão simples! Fugir pelo subterrâneo do castelo, ir disfarçada ao mercado no centro, comprar todos os ingredientes, voltar para o castelo sem ser vista e, então, fazer a torta favorita da minha irmã, para nossa pequena tradição de aniversário, uma de nossas poucas alegrias. Deu certo por quatro anos, por que desta vez não consegui forçar meus pés a continuarem em frente e meus ouvidos a ignorarem o entorno caótico de nosso reino? Não é como se eu pudesse fazer algo para impedir o rei de continuar a travar guerras fúteis.

Mas ouvir os gritos daquela garota sendo espancada era demais para mim, parecia os gritos da minha irmã. Então lá estava eu, soltando todas as compras e indo confrontar aquele guarda real, que no mesmo instante reconheceu meu rosto.

Eu fui ingênua em acreditar por um segundo que ele apenas obedeceria às minhas ordens, ouviria a ameaça velada por trás das minhas palavras, e se esqueceria daquele incidente. Segui acreditando naquilo o dia inteiro, até a hora do jantar, quando meu pai, casualmente, segurando uma taça de vinho, perguntou como havia sido meu dia. Claro que ele tinha me deixado esperando o dia inteiro pelo confronto, me deixando acreditar que tudo passaria impune pela minha desobediência em deixar as muralhas do castelo. Mal consigo sentir raiva daquele guarda, afinal, eu sei como é temer o rei.

— Sorria um pouco, por favor. Ele está olhando.

Fico imediatamente tensa. Não sabia que ele estava ali. Meus olhos vasculham à nossa volta, mas antes que eu o ache, ela aperta minha mão de novo, me chamando. Obedeço e abro um sorriso para o povo, afinal minha irmã está partindo para uma viagem diplomática e precisamos lhe desejar sorte.

É raro fazermos aparições públicas, então não culpo os opositores por escolherem esse momento para demonstrar sua insatisfação com a coroa, embora meu peito se contraia por minha irmã, ela não merece ouvir os insultos sussurrados que se erguem anonimamente da população. Eles não sabem o quanto ela se esforça para ajudá-los.

Respiro fundo e reconheço que o lado da moeda, o do ali-

vio, se sobrepõe ao da agonia. Nunca estive tão aliviada por nosso pai sempre mandá-la em seu lugar para desempenhar o papel de visitar os outros reinos. Significa segurança para ela, mesmo que seja necessário perder a companhia da minha melhor amiga, meu porto seguro. Endureço. Ele não vai machucá-la, ao menos não até ela retornar. Não até a próxima vez que eu cometer um deslize.

Sempre terá de haver uma próxima vez?

Minha respiração sai errada, rápida demais. Ela percebe e aperta novamente minha mão. Respire, ela me pede. Obedeço. Mas fico tensa novamente quando reconheço minha parceira de xadrez à sombra de uma árvore coberta de neve. Sua simplória capa cinza mal oculta seu cabelo vermelho, que se contrasta com perfeição contra o clima, como fogo no gelo.

Ela me encara com determinação, como se esperasse algo de mim, mas antes que eu descubra o que poderia ser, minha irmã estremece quando o capitão do navio acena para o guarda dela. Eles estão prontos para zarpar. Nossas mãos se estreitam, e eu não sei quem apertou mais forte primeiro.

Acompanho-a até o fim do deque, para longe da vista da multidão, à sombra de outro navio. Talvez para longe da vista do rei também, onde quer que estivesse.

Ela para ao lado da prancha e vira-se completamente para mim, estudando meu rosto, como se quisesse decorar cada fragmento. Não era simples para nós duas nos separarmos. Seria tão mais fácil se nos odiássemos, se não nos importássemos com o que poderia acontecer uma com a outra. Talvez assim minha irmã já estaria usando a coroa. Ela é tão forte, tão armada de bravura, que já teria ousado enfrentar o rei se a promessa da minha morte não estivesse sobre a mesa.

Ela ergue meu rosto para cima pelo queixo.

— Um dia tudo vai melhorar. Eu prometo — assegura com os olhos retendo os meus com firmeza, e então, devagar, ela abre o fecho do bracelete em seu pulso.

Ela nunca o tira.

Recuo um passo quando ela o estende para mim. Minhas sobancelhas se unem e minha cabeça inclina para o lado com a gravidade. O que ela está fazendo?

— Pegue — ordena. Eu balanço a cabeça. Era da nossa mãe. A mesma mãe que meu pai insiste em dizer que matei ao nascer. A mesma mãe que minha irmã tanto amava antes de eu



tirá-la dela. — Às vezes, eu encontro coragem em você, e às vezes, nela. — Ela pega minha mão inerte ao lado do meu corpo e vira a palma para cima, colocando o bracelete no centro. — Por favor.

Meu coração se contrai.

Minha mão se fecha ao seu redor. O metal está morno com a temperatura da pele dela. Meu peito se infla e minha garganta arde com todas as palavras que querem ser vomitadas.

Sinto muito.

Não foi assim que planejei seu aniversário de vinte anos.

Por favor, me perdoe.

Mesmo sabendo que ela jamais me culparia, jamais me afundaria. Os olhos dela ardem em lágrimas quando sua mão toca meu rosto com suavidade.

Nossas mãos ainda estão unidas ao redor do bracelete. Não preciso olhar para ele para visualizar o rosto da pequena raposa prateada entalhada no metal. O símbolo da família da nossa mãe. Antes de ela se casar, antes de mudar toda a sua vida em nome do próprio lar. Uma pequena brasa de calor de sua perseverança.

— Seja tão esperta quanto uma raposa... — ela começa.

— Mas nunca esqueça de ser gentil — concluo, sem hesitar, o bordão da antiga rainha.

Ela abre outro pequeno sorriso e eu sonho com dias em que eles serão grandes e verdadeiros.

Minha irmã se inclina e me abraça com firmeza. Congelo. Com os braços soltos ao lado do corpo. Então, com excessiva delicadeza, passo os braços ao redor dela, abaixo da cintura, onde eu sei que não há nenhum ferimento aberto. Apenas acima, pelas costas e ombros. Trinta e nove chibatadas pela minha afronta e desobediência. Vinte delas com mais de quinze centímetros de comprimentos. Eu sei disso porque costurei cada talho rasgado na pele. Eu odeio ter ficado tão boa nisso. Controlo a vontade de dizer novamente a ela o quanto sinto muito, o quanto...

Ela me aperta com mais força pelos ombros.

— Não faça nada estúpido.

Mas é tarde demais, minha mente está em chamas, vagando por caminhos que levam até uma garota de cabelos vermelhos. Uma garota com um pai quase tão poderoso quanto o nosso. Uma garota que costuma jogar xadrez comigo. Uma garota que usa palavras perigosas e traça planos audaciosos enquanto

joga uma partida. Planos que sempre ouço com muita atenção. Planos sobre derrubar um certo rei. Talvez ela estivesse falando de xadrez. Talvez estivesse discutindo estratégias de jogo.

Ou talvez não. Seus olhos, normalmente, cheios de travessura divertida, sempre ficam tão sérios quando jogamos juntas. Talvez possa ser real. Talvez eu esteja cansada demais de sentir medo. Talvez haja uma pequena chance de salvar minha irmã e este reino.

Meu peito queima em possibilidades apesar do frio cortando o ar. As palavras da garota ruiva gritam de um lugar profundo da minha mente.

“Como se ganha uma partida sem jogar, alteza?”

“Isso é impossível.”

“Pense.”

E eu pensei, olhei para ela, minha oponente.

“O que você quer?”

Ela sorriu com os olhos brilhando.

“Qual a graça de eu simplesmente lhe contar?”

Revirei os olhos e pensei mais um pouco sobre a barganha. Sorri com travessura.

“Uma torta de chocolate com cobertura de morango lhe agradaria?”

“Feito, alteza.”

Sempre tão paciente comigo, sempre esperando por mim, me contornando com pistas sutis.

Minha mão encontra a pele cálida do rosto de minha irmã. Meu pai nunca ousaria machucar aquele rosto, o rosto de uma princesa herdeira.

— Um dia, você vai ser uma rainha. Uma rainha extraordinária.

Ela abre um sorriso triste, mas consigo ver quando uma fagulha armada de esperança invade a íris de seus olhos. Ela não percebe que estou lhe fazendo uma promessa.

Um dia. Um dia que não precisa ser daqui trinta anos.

Olho sobre o ombro e, ainda posso ouvir o som do povo, mas dessa voz ouço uma melodia diferente. Uma que faz minha alma ter sede de justiça.

Nós não somos as únicas a sofrer pelas mãos de nosso pai.

O capitão do navio chama novamente. Minha irmã oferece um sorriso a ele, e ele imediatamente a perdoa. E ela me faz um último pedido:



— Por favor, por favor, fique a salvo.
Meu peito estilhaça.
Mas dessa vez as rachaduras são brilhantes como o sol,
como uma canção moldada em promessas de liberdade. Eu nunca
mais deixarei que ele a machuque novamente.
Encontro a pele nua do seu pulso e com dois dedos, bato
três vezes.
Eu. Amo. Você.
Ela se afasta de mim com os olhos brilhantes e um sorriso
mais largo no rosto, como uma meia lua.
Ela pisca três vezes.
Eu. Amo. Você.
Então ela parte, e eu não fico para observar o navio se tornar
um borrão no horizonte. Tenho planos para construir, planos
para derrubar um rei sem guerra.

Bato duas vezes na porta de carvalho. O som ecoa no corredor
vazio como um grito. A garota ruiva abre a porta do quarto
com os olhos faiscantes de energia, como uma tempestade.
Seu vestido verde oliva se estende até seus pés descalços.
Ofereço um sorriso determinado quando afasto o cabelo
dourado do rosto.
E ergo a única peça de xadrez que trouxe comigo.
O rei.
— Vamos jogar?
Ela olha da peça para mim, então um sorriso satisfeito surge
no canto de seus lábios quando ela abre mais a porta.
— Finalmente, alteza.

Ella Marc

marcela_ferr@outlook.com

Ella toma café demais e adora passar o tempo inventando histórias sobre garotas corajosas que amam garotas destemidas. É brasileira, formada em psicologia, e apaixonada pela magia das palavras.

O Progresso

Renova-se a esperança a cada instante,
Enquanto alegre vive-se e sonora
A voz do céu, sem fim, no eterno agora,
Inspira como a aurora no levante!

Desdobra-se a certeza equidistante
Num raio que se espalha oculto, afora,
Do ser que almeja e luta, desde outrora,
Por mundo promissor e radiante!

Do exemplo paira a egrégora plasmada,
O pensamento em forma iluminada
Nutre o presente, início de um processo,

Como um fanal bendito de alvorada
Em tudo e em toda sombra abandonada,
Fazendo-nos marchar rumo ao progresso!

Ricardo Camacho

rscamachorc@gmail.com

O autor é Bacharel em Direito, servidor público federal e sonetista clássico. Idealista e fundador do Fórum do Soneto, grupo de sonetistas cuja a filosofia é revitalização do Clássico, na prática de versos com exigência técnica trazida nos Tratados de Versificação.



Nhanderu

Moacir foi conduzido à presença do Conselho Geral no mesmo dia de seu desembarque clandestino na superfície de Nhanderu. Deixaram-no no centro de um salão circular, onde uma alta claraboia despejava um cone de luz leitosa. Nenhuma iluminação artificial se somava àquele feixe opaco, e a penumbra ocultava os rostos de três pessoas sentadas em poltronas feitas de tecido trançado e penduradas ao teto por cordões. Uma voz feminina se fez ouvir enquanto as pupilas de Moacir ainda se ajustavam à iluminação difusa.

— Moacir da Terra, sou Maiara, governadora geral de Nhanderu. Seu comandante, o senhor oficial Boanerges, o acusa de deserção. O que tem a dizer?

— Senhora governadora — balbuciou ele, sem conseguir ainda distinguir qual dos três vultos havia falado —, eu reivindico o sagrado direito a uma vida digna, coisa de que estamos privados na Terra. Solicito asilo.

Ouviu um pigarrear que reconheceu de imediato: o oficial Boanerges, comandante do cargueiro espacial Nanyamka! Ele estava ali, era uma das três austeras silhuetas. A da direita, por certo. O desenho de seu crânio anguloso se definia como um baixo-relevo no cenário.

Mas foi a voz feminina que ele voltou a ouvir.

— Eu entendo seu ponto de vista. Todos têm direito a uma vida digna. Mas se toda a população da Terra se transferisse para cá, entraríamos em colapso, como a própria Terra entrou.

— Então, teremos de admitir que esse direito é um privilégio? — arriscou Moacir.

— Já basta — interrompeu uma voz masculina. Era Boanerges. A figura da direita. — Conversa inútil. Devo levá-lo imediatamente.

Uma terceira voz se manifestou, masculina, rouca e pausada.

— Perdão, senhor oficial. Isto não é uma conversa, é uma audiência. Este homem a quem o senhor chama de desertor fez uma solicitação ao Conselho Geral de Nhanderu.

— Perante as leis da Terra, ele é um criminoso.

— Temos outras leis em Nhanderu — ponderou Maiara, a voz feminina que Moacir agora sabia pertencer à pessoa posicionada no centro da penumbrosa trindade.

Boanerges se levantou, manteve a voz baixa, mas falou em tom cortante:

— Não vou fazer parte desta encenação! Retornarei à minha nave. Temos ainda três dias para concluir o carregamento. Brinquem de audiência se quiserem, mas quero meu prisioneiro ao final de três dias.

Moacir manteve o olhar fixo na silhueta de Maiara quando Boanerges passou por ele, fazendo o piso assoalhado do salão ressoar com suas largas passadas. E agora? Como poderia ele contar com a boa vontade dos nhanderuneanos após provocar esse potencial conflito? Mas não era de se esperar? Como pudera ser tão ingênuo, apostar sua vida em um projeto impossível? Para surpresa de Moacir, esses pensamentos foram interrompidos pelo tom de voz inalterado de Maiara.

— Moacir da Terra, temos um incidente diplomático em curso. A audiência está suspensa, mas voltaremos à sua solicitação. Até lá, seu status é de hóspede em Nhanderu.

Hóspede?

Na manhã seguinte, uma mulher alta e jovem entrou em seus aposentos enquanto ele ainda estava deitado e se apresentou:

— Moacir da Terra, meu nome é Thaynara. Fui designada para ser sua guia. Sente-se disposto para um passeio?

Os nhanderuneanos pareciam levar a sério a ideia de hospitalidade. Sem articular resposta, ele apanhou uma túnica lilás, não muito diferente da de Thaynara, a não ser pela cor. A dela era grená. Moacir ainda se sentia constrangido. Não esperava reação tão contundente de Boanerges. Um mero oficial da frota mercante agiu como se fosse superior à governadora geral de Nhanderu. E ela, por sua vez, não esboçou nenhum protesto.

Moacir e Thaynara caminharam até uma plataforma que dava acesso ao exterior. Lá, um veículo fechado dotado de rodas os aguardava. Os dois se acomodaram no interior do veículo e Moacir percebeu no chão à sua frente um par de pedais. Notou um sistema de engrenagens e correntes e deduziu que a força motriz do veículo eram... suas próprias pernas! Thaynara acionou o mecanismo propulsor primeiro e o veículo se locomo-



veu com aparente facilidade. Moacir testou os pedais e viu que, com sua ajuda, a velocidade aumentou bastante.

Pela primeira vez, ele se achava ao ar livre em Nhanderu. O céu possuía uma coloração violeta, que contrastava vivamente com o horizonte verdejante. Por onde andaram, viram plantações, bosques, lagos e riachos. Pequenos animais saltitavam pelos campos, insetos e aves riscavam o céu. Pessoas trabalhavam com as próprias mãos ou com ferramentas de madeira ou metal. Revolviam a terra, semeavam, colhiam, regavam, exerciam as mais variadas atividades sem aparente auxílio de maquinário.

Ele observava fascinado, mas em silêncio. Apenas Thaynara falava. Um monólogo tranquilo entrecortado de perguntas retóricas que faziam Moacir se sentir parte de uma conversa da qual não participava de fato.

— Nhanderu é um planeta agrícola. Produzimos aqui dois terços dos alimentos consumidos na Terra. Você sabe, né? Veja aquele campo. Reconhece essas plantas? São pés de feijão! Lindos, não? Você já tinha visto um pé de feijão antes? Espere até ver o mandiocal! Mandioca é o meu alimento favorito!

Moacir só quebrou o silêncio ao notar uma coluna de vapor a se elevar do cume de uma montanha solitária no horizonte ondulado.

— Aquilo é um vulcão?

— Sim. Há muita atividade vulcânica em Nhanderu. Por isso nossos solos são tão férteis.

— E há terremotos também?

— Há, mas não são frequentes, dois ou três por ano.

— Na Terra há muitos terremotos, alguns violentos. Meu irmão morreu em um terremoto.

— Sinto muito. Que coisa! Nunca imaginei que morresse gente em terremotos.

— Sim, nos desabamentos. Morrem soterradas. Aqui não acontece?

— Não que eu saiba.

Quando Kuaray, a estrela solitária que aquece o planeta, já estava a pino, Thaynara sugeriu uma parada em um vilarejo de casas ovaladas. Em uma das casas, foram recebidos efusivamente por duas mulheres e quatro crianças. Thaynara apresentou Moacir como o viajante da Terra, e ele foi cercado de olhares curiosos. As anfitriãs os convidaram a se sentar no chão. O interior da casa era simples, sem mobília. Moacir se agachou com

dificuldade e só então percebeu como seus músculos estavam doloridos após horas de pedaladas. Logo surgiu à sua frente uma travessa de salada. Todos os alimentos eram crus: folhas, frutas, raízes, castanhas.

— Vocês só comem comida crua?

— Algumas coisas nós cozinhamos, milho, mandioca, arroz — respondeu uma das mulheres. — Mas achamos que um convidado especial acharia isso muito primitivo.

— Não comem carne?

— Carne! — exclamaram as mulheres, e as crianças fizeram caretas.

Thaynara riu e explicou que os terráqueos ainda preservavam costumes muito antigos. Após a refeição, ela propôs uma visita a bosques de árvores frutíferas, mas Moacir pediu para voltar. Sentia-se cansado, não tinha o mesmo preparo físico que ela. Quase não conseguiu ajudá-la a impulsionar o veículo na volta. Sem novidades para mostrar, a moça tentou puxar assunto.

— Quando você chegou, viu Nhanderu do espaço?

— Não, eu estava de serviço nos depósitos.

— Que pena. Eu não perderia por nada a chance de ter essa vista.

— Você nunca viu?

— Não. Eu nasci aqui e nunca viajei em uma espaçonave. Absurdo, não?

— Por quê? Creio que 99% da população da Terra nunca viajou em uma espaçonave. Mas algo me intriga...

— O quê?

— Não vi nenhum veículo automático. Só estes ridi... estes carros com pedais.

— Você ia dizer ridículos?

— Não...

— Não entendo o que há de ridículo neles — protestou Thaynara.

— Desculpe, não quis ofender.

— Os velocípedes nos mantêm saudáveis. São melhores do que veículos automáticos.

— Certo, tudo bem, mas... até agora só vi pessoas trabalhando manualmente ou com ferramentas rudimentares. Por que suas lavouras não são mecanizadas? Por que não há robôs para o trabalho pesado? A tecnologia em Nhanderu regrediu em relação à Terra?



— O que você chama de regredir? Quem te ouviu falar não imaginaria que a Terra sofreu um colapso ambiental! E, com toda a sua tecnologia, vocês ainda morrem em terremotos...

Thaynara se calou por um instante e observou Moacir de rabo de olho.

— Desculpe Moacir da Terra. Fui rude com um hóspede.

— Eu também peço desculpas. Vejo que meus comentários foram impróprios.

— Não existe comentário impróprio. Em Nhanderu, devemos estar prontos para debater livremente qualquer assunto. A falha foi minha.

“Agora vamos disputar para ver quem deve desculpas a quem”, pensou Moacir. Mas a moça deu por encerrada a disputa.

— Talvez seja imperceptível para você, um homem de outro mundo, mas tudo à sua volta é fruto de tecnologia extremamente sofisticada. Sem ela, não teríamos sequer uma atmosfera respirável. Acha simples transpor para outro planeta espécies vegetais terrestres?

— Mas, mesmo após o colapso, ainda há abundância de energia per capita na Terra. E aqui vocês poderiam usar fontes limpas de energia. Poderiam inclusive viver em edifícios mais bem iluminados. Já pensaram em explorar a energia liberada pelos vulcões?

— Sua lógica é a da energia “per capita”. Quanto mais, melhor. Você fala em explorar. Nós falamos em usufruir. Há um equilíbrio energético em Nhanderu. Nossas práticas agrícolas são minuciosamente planejadas para preservar esse equilíbrio. Conseguimos fazer mais com menos. Devolvemos ao solo tudo o que dele retiramos.

Moacir se calou. Não porque se convencera, mas por achar inútil continuar a discussão. A Thaynara alegre do início do passeio havia se convertido em uma militante apaixonada. Se ele ao menos tivesse seu pedido de asilo atendido, poderia com o tempo tentar convencer as pessoas a adotarem métodos mais avançados de produção.

Ao perceber que Moacir desistira de argumentar, Thaynara arrematou:

— Nós fizemos escolhas, Moacir da Terra. Essa é a grande diferença. A tecnologia não nos foi imposta. Criamos as ferramentas adequadas ao nosso modo de vida.

No dia seguinte, a segunda audiência não contou com a presença do oficial Boanerges, que se fez representar por seu imediato. Mais uma vez no centro do salão, banhado pela luz mortiça da claraboia, Moacir já era capaz de interpretar os vultos à sua frente. No centro, Maiara, a governadora geral. À sua esquerda, a voz rouca e comedida que ele ouvira da primeira vez era de um homem idoso. Um membro do conselho, talvez, mas, ao que parecia, com status inferior ao de Maiara. O imediato da nave Nanyamka estava à direita. Ele elevou a voz e as palavras brotaram em rápida sucessão.

— Senhora governadora, meu comandante envia protestos contra o tratamento dispensado ao desertor. Consta que ele tem status de hóspede em Nhanderu, quando deveria estar preso.

— Apresente ao senhor oficial nossas desculpas — respondeu Maiara —, mas não temos prisões. Nosso único costume para com forasteiros é tratá-los como hóspedes.

O homem hesitou por um instante, mas logo girou nos calcanhares e saiu.

— Teremos de continuar sem o representante da Terra — suspirou o velho.

— Sim — concordou Maiara. — O que diz, Moacir da Terra?

— Governadora, soube que oferecer esperança é a principal missão de Nhanderu. Se me entregar ao comandante, serei enviado às prisões terrestres. É um castigo desproporcional! Tudo o que eu almejava era um futuro melhor.

— Nossa missão é, sim, oferecer esperança. Somos parte de um esforço para recuperar a Terra. Já conseguimos erradicar a fome, uma grande vitória! Nosso pequeno planeta, com uma população de 3 milhões de habitantes, produz o suficiente para alimentar 4 bilhões. Devemos permitir que seu caso isolado coloque em risco essa missão?

O que responder? Como Moacir poderia atribuir à sua própria vida tal importância?

— Eu reivindico o status de refugiado — exclamou.

— Fundamentado em quê?

— No fato de que todos somos refugiados, mas nem todos encontram refúgio.

— Isso não passa de jogo de palavras. Você nem sequer demonstra respeito pela nossa forma de organização social. E isso é típico de terráqueos. Estaria disposto a colocar o bem-estar de



muitos em risco para atingir seu objetivo pessoal.

O que responder? Sua aposta deu em nada. Fracassou. Já teve sorte de sobreviver quando se lançou da Nanyamka pelo duto de abastecimento e mergulhou no silo de grãos de Nhanderu. A nave, de proporções ciclópicas, ainda pairava acima dos altos edifícios do Complexo de Armazéns Gerais, como se suspensa por fios invisíveis, lançando uma vasta sombra sobre a superfície. Em dois dias, partiria rumo à Terra, com Moacir rebaixado de tripulante a prisioneiro.

Com efeito, Boanerges e um pequeno séquito de tripulantes da Nanyamka se apresentaram a Maiara dois dias depois. A nave preparava-se para zarpar e eles vinham em busca de Moacir. A governadora em pessoa os guiou até uma plantação para onde sabia que Thaynara levava o controverso hóspede. De longe, o grupo os avistou. Estavam nus e de cócoras. Quando se aproximaram, Maiara não conteve um grito de surpresa:

— Thaynara, você perdeu o juízo?!

Os dois se levantaram. Moacir esfregava as mãos sujas de terra, estampada no rosto a perturbação por se encontrar despido diante dos recém-chegados. Mas Thaynara não parecia se importar, a despeito dos olhares ávidos dos terráqueos.

— O que significa isto? — perguntou Boanerges, confuso. — Onde estão suas roupas?

Maiara esboçou um gesto desalentado, Thaynara abriu a boca, mas Moacir se adiantou:

— Acabo de plantar uma árvore!

Thaynara e Moacir se afastaram um do outro para deixar ver que, entre eles, uma muda de paineira espichava um galho fino do solo revolvido.

— Ora, e daí? — tornou a questionar Boanerges.

Maiara respondeu:

— Foi uma cerimônia, senhor oficial, um ato sagrado. Agora, Moacir é um cidadão de Nhanderu. Lamento.

Moacir finalmente a reconheceu pela voz. Via pela primeira vez a governadora à luz do dia. E sua aparência, sua postura, sua túnica âmbar compunham uma figura de tal forma impressionante que ele se esqueceu de que havia uma mulher nua ao seu lado.

— Quê?! Isso é uma piada?! — vociferou Boanerges.

— Não. É o costume. E foi realizado de forma apropriada, como mandam nossas tradições mais antigas. Por isso estão

despidos.

Moacir voltou a se lembrar de que estava pelado e apanhou sua túnica. Thaynara permanecia impassível diante dos terráqueos.

Boanerges continuava, por assim dizer, perplexo.

— Mas que porra....

— Qualquer pessoa que tenha plantado uma árvore em Nhanderu adquire cidadania, um direito inviolável. Não podemos permitir que Moacir seja levado.

— Ele é meu prisioneiro! Não pode me impedir de levá-lo com base em suas crendices...

— Nossos costumes têm força de lei pelas convenções e tratados que mantemos com o governo da Terra. Por outro lado, não temos acordo de extradição. Assim, a única forma de um cidadão nhanderuneano embarcar naquela espaçonave seria por livre vontade. Se o senhor o levar à força, terei de denunciá-lo por sequestro.

Moacir sentiu a atenção de Boanerges cair sobre si. Não parecia haver ódio em seu olhar, apesar do cenho carregado, mas uma mal disfarçada frustração. “A frustração pode ser um sentimento mais venenoso do que o ódio”, diria depois Thaynara, na conversa de despedida que tiveram antes da partida da Nanyamka.

Boanerges deu as costas a Moacir e fez um gesto para que seus homens o acompanhassem. Já havia dado alguns passos quando se voltou e disse:

— Partirei em 8 horas. Se eu não tiver meu prisioneiro, Nhanderu terá problemas. Na Terra, nós levamos muito a sério a questão da imigração ilegal.

Maiara, Thaynara (agora metida em uma túnica púrpura), o homem idoso e Moacir se reuniram no salão do Conselho meia hora depois. Thaynara tentou falar, mas foi interrompida por Maiara:

— Haverá algum tipo de sanção. O governo da Terra pode inclusive exigir a dissolução do Conselho e nomear um interventor.

— Eles têm esse direito? — perguntou Moacir, com indignação.

— Não se trata de direitos, mas de política externa — explicou o ancião.

— Além disso, o governo da Terra ainda vê Nhanderu como



uma colônia ou, na melhor das hipóteses, uma província, não como um planeta independente — acrescentou Maiara.

— Mas não temos que aceitar isso. Podemos lutar! — exclamou Moacir.

— Lutar? — surpreendeu-se Thaynara. — Nós...

— Não sejam tolos — cortou Maiara, sem alterar o tom de voz. — Não temos armas.

O velho concordou, com um aceno e um suspiro.

— É verdade. Nossa sociedade é pacífica. A Terra não precisaria nem enviar uma frota, basta um único caça estelar.

— Céus! E vocês ainda se consideram avançados?

A conversa foi interrompida pela entrada de um grupo de pessoas. Moacir percebeu que eram os demais conselheiros, convocados por Maiara para discutir a crise. Enquanto os recém-chegados tomavam assento, Maiara se dirigiu a ele:

— Exatamente por isso nos consideramos avançados, Moacir, porque a guerra não é uma opção para nós. E agora, se nos dá licença, o Conselho se reunirá. Temos pouco tempo.

Só quando já estava fora do salão, Moacir percebeu que Thaynara não o acompanhava.

Horas depois, quando a silenciosa Nanyamka subiu e desapareceu por entre as nuvens, Maiara e Moacir permaneceram quietos na plataforma de embarque do Complexo de Armazéns Gerais por alguns instantes, até ele perguntar.

— Por que você permitiu?

— Não cabia a mim permitir ou proibir.

— Você a usou como bode expiatório.

— O quê? Não conheço essa expressão... mas adivinho o sentido. E não se trata disso. Thaynara é uma aventureira por natureza. Para nós, Nhanderu é o paraíso. Para ela, uma espécie de prisão agradável, por mais que se orgulhasse de nossas conquistas.

— Não entendo. Quase brigamos porque fiz... bem, alguns comentários sobre o desenvolvimento tecnológico do seu planeta. E agora você quer reduzir o sacrifício dela a uma aventura? Ela assumiu a culpa sozinha! Admitiu ter me incentivado a plantar aquela árvore.

— Prefere acreditar que ela se sacrificou por você? Vejo agora que você não pensa apenas como terráqueo, mas como homem.

— Ela é uma prisioneira...

— Ela tem status diplomático. Foi uma solução honrosa para o comandante Boanerges, mas Thaynara não irá para as prisões terrestres. Cumprirá uma espécie de prisão domiciliar. É um preço pequeno a se pagar para manter viva a esperança de todos nós.

— Sabe os riscos que ela corre sozinha, em uma nave cheia de homens?

— Qualquer outra mulher correria enorme risco. É lamentável que seja assim. Mas nem mesmo Boanerges permitiria que algum mal acontecesse à filha da governadora geral de Nhanderu.

Moacir não soube mais o que dizer. Gotas começaram a cair do céu, num tamborilar sincopado que logo se acelerou. Uma chuva suave emprestou tons de aquarela à paisagem campestre em torno do complexo de armazéns.

Lá no alto, de uma escotilha da Nanyamka, Thaynara avistava Nhanderu diminuir na distância. Visto do espaço, o planeta parecia uma grande esmeralda.

Helton Lucinda Ribeiro

heltonlucinda@hotmail.com

Helton Lucinda Ribeiro é jornalista e sociólogo. Tem contos publicados em antologias e nas revistas literárias Subversa, Trasgo e A Taverna. Foi vencedor do II Concurso Bunkyo de Contos, em 2015, com o conto Quixote Sama.

Resistência

Déa Araujo

dea.artes@hotmail.com

Dentista aposentada, estudante de Letras na Universidade federal de Juiz de Fora e amante das artes. Meus versos me relaxam e me reinventam.

Mundo,
Abra os braços
E recolha todo carinho
Amor
Fé
Compreensão
E esperança que puder

Depois, mundo,
Mantenha esse abraço apertado
Para que nenhuma indiferença
Desafeição
Desconfiança
Intolerância
Ou dúvida possa invadi-lo

Mundo,
Chute toda tristeza
Solidão
Doença
Desarmonia
E dor para o buraco negro mais distante que houver

Na volta, mundo,
Traga, com o mesmo pé, alegria
Civilidade
Saúde
Paz
E certeza em abundância

Mundo,
Engula os sapos
Os problemas
A corrupção
A avareza

A violência e reduza-as a pó

E então, mundo,
Não permita que esse pó retorne à sua face

Mundo,
Certifique-se que gentileza
Fraternidade
Otimismo
Humanidade
E coragem
Não cedam lugar à estupidez
Ao egoísmo
Ao desânimo
Maldade ou medo

Mundo,
Olhe com olhos ternos
Aqueles que sofrem e choram
Os miseráveis e famintos

E após, mundo,
Console-os na sua intensidade
E migre-os para um patamar
Além de seus conflitos

E você,
Aí perdido no mundo
Acorde!
Aja!
Lute!
Pelo que puder
Com as armas que tiver
Faça de nossa casa um lar de paz
Solidariedade
Tolerância
Sem radicalismos
Nem individualismos
E creia!
Haverá sempre uma saída.

Um Tempo que Eu já Me Lembro

— Pode ficar. Eu trouxe outra marmita lá da casa. Tá sobrando muita comida. Todo mundo fica em casa e a gente só cozinha. Eu e a outra que trabalha. A outra vem dia sim e dia não. Mas veja, a comida é boa. A outra cozinha muito bem. Só não fica sobremesa. A patroa diz que sobremesa é luxo. Mas tá bom, né? Como vou trazer sobremesa neste ônibus lotado. Quase duas horas de viagem. Imagina?! É muito tempo pra ficar com uma sobremesa... Não deu notícias?

— Quem?

— Ora... o seu patrão!

— Que nada, mulher. Nem um telefonema, nem uma mensagem. Nada. Se não fosse você nem sei... Vou esquentar essa sobra. — Deixo a marmita sobre o fogão. A vizinha arroteia e já está no meio da sala.

— O menino parou de tossir. Sabia que lá na casa falaram que serviço doméstico é essencial. Tá na lei. — A vizinha estica a cabeça como se quisesse colocar a orelha na parede que dava para o seu quarto.

— É essencial? Quer dizer o quê? Vão fazer o quê? — Pergunto.

— É como tá na lei. Os patrões não precisam liberar as empregadas para ficarem no isolamento. Precisam das empregadas pra manter tudo limpo. Falaram isso lá.

— Não entendi, então por que eu fui dispensada?

— Acho que o seu patrão ficou com medo de você levar o vírus pra ele.

— Só faltava essa, ele também podia me contaminar com o vírus. Esse povo não pensa, não?!

— Sei lá, eu acho que é por isso que ele dispensou você. Você poderia estar lá, não é obrigado dispensar doméstica.

— Não é obrigado, mas dispensam. Tem gente que não dispensa e continua pagando mesmo com a empregada em casa.

— Ah, também a minha patroa diz que se alguma de nós for na justiça não vai pagar nada.

— Essa eu também não entendi.

— É ... se a gente pegar o vírus e ir na justiça reclamar.

— Como ir na justiça porque ficou com o vírus? Que coisa estranha.

— Ela ficou lá falando, nem percebem que a gente escuta tudo, né?! — A vizinha fala e ri. Não sei onde está a graça. — Vou aproveitar que o menino parou de tossir e dormir um pouco, vai que ele acorda no meio da noite com essa tosse. Vou fazer um chá de alho mais tarde e dar pra ele. Isso se ele acordar, aí eu dou. Quem sabe não melhora com o chá.

A vizinha manda uma mensagem querendo saber do pequeno que estava tossindo. Coitada, eu mal posso andar. Vou fazer um chá para ele. O pequeno bebe tudinho. Bom é com mel. Mas isso eu não tenho. É luxo. Um pouco de açúcar ajuda a descer melhor.

E aquele dia estava muito quente. O carcará estava ali, embaixo da cadeira no quintal sob uma sombra que se fazia. O ar estava tão denso que o bichinho sentia o peso do calor, dormia, abria e fechava os olhos. O que dizem é que quando o tempo está assim, um ar pesado, um calor fatigante, chove. Para chover tem que haver nuvens. Não apenas eu, mas eu o carcará ao olharmos para o céu à procura de algum sinal de chuva, as esperanças se esvaíam.

— Você lê? Você podia ler as histórias pra gente?

— Eu leio, sim, mas eu acho que não sou muito boa. Eu posso ler. Cadê? Me dê um livro pra eu ler. Você e sua irmã...o seu irmão também quer ouvir?

O menor da vizinha foi pegar o livro de história. Ele já estava bom, não teve nenhuma tosse. Veio a irmã e o irmão.

Ajudar a minha vizinha numa situação como aquela era melhor do que a chuva que alivia o calor do cerrado. Se as crianças estão ali e eu estou aqui, podemos nos ajudar. Eu as entretenho com o que eu tenho e elas me fazem companhia, a mim e ao carcará.

Li uma história. Era sobre uma menina abandonada que sentia muito frio e só tinha fósforos para aquecê-la. Como sentir o que ela sentia naquele calor? A história era comovente, infelizmente, a menina não resistiu.

— A gente pode morrer de calor? — Perguntou o menor da



vizinha com a sua vozinha fina.

— Nunca ouvi falar de alguém ter morrido de calor. — Respondi olhando para o alto com um ar de dúvida. — Pode ser que sim, mas eu não sei.

— É, mas de frio, sim. — Falou a menina. — Eu acho que o frio é mais difícil. Ainda bem que não faz frio aqui como o frio da história. Seria ruim.

É, seria ruim. Acho que o frio é pior que o calor, aqui a gente bebe água, se abana, fica na sombra. E no frio? Você faz o quê? Tem que se esconder do frio. Ficar em um lugar aquecido. E quem não tem como se proteger?

O carcará subiu na minha janela, as crianças chamaram atenção para ele. Ele não tem medo da gente. Se ele ouviu a história deve ter pensado que estamos bem naquele calor. Um frio nesta casa, ninguém iria se esquentar. Deixei o livro de lado e comecei a contar uma história que eu conhecia desde criança.

Um pássaro que acompanhava uma criança no seu primeiro dia de aula, a criança não gostava de ir à escola porque ela se sentia sozinha. O pássaro não podia entrar, então ficava na janela e cantava para a criança.

— E as outras crianças? — Perguntou a menina. — Elas ouviam também o pássaro cantar?

— Não, só aquela criança. Somente aquela criança ouvia o pássaro cantando.

— Por quê? — O maior da vizinha perguntou. — Como as outras crianças não ouviam? É estranho, se eu ouço um pássaro cantando, os outros também vão ouvir, não vão?!

— É, as outras crianças podiam ouvir, mas não ouviam. Elas não queriam ouvir o pássaro cantando. Ele estava ali na janela, mas não prestavam atenção nele. Somente aquela criança ouvia porque ela gostava dele e olhava pra ele, ela o via.

— Eu presto atenção nos pássaros. Eu sempre ouço os pássaros. — Disse o menor da vizinha e eu continuei.

As crianças da vizinha gostaram da história, vi o quanto os seus olhinhos brilhavam e a atenção era tão assustadora que eu só conseguia ouvir e sentir a minha voz, a minha respiração. Quando eu parei, olharam uma para outra como se perguntassem sobre o que tinha acontecido. Pediram mais.

O carcará ali, na janela, majestoso sobrevoou as suas cabezinhas e saiu em direção até o ponto que eu conseguia ver. As crianças pediram mais, eu contei mais histórias... mais uma...

mais outra... mais uma... mais outra... passamos o dia assim, até a chuva chegar. Fomos para o quintal olhar a chuva, sentir o cheiro de terra molhada que subia em nossas narinas, as gotas que caíam ainda estavam quentes... o dia foi quente... a chuva era quente.

As crianças da vizinha colocavam os seus pezinhos na chuva para serem molhados, o carcará voltou para debaixo da cadeira no quintal, agora como um abrigo da chuva, batia as suas asas, as abria, se encurvava e se abraçava enxugando o seu corpo. Os meus pés já não mais doíam, fui para a chuva e chamei as crianças. Pareciam que estavam receosas, o menor veio... pulou nas poças d'água que se formavam no quintal. A chuva estava gostosa, estava morna... a menina veio junto com o outro menino. Nós quatro dançávamos na chuva sob os olhos do carcará... batíamos os pés nas poças d'água, olhávamos para cima e deixávamos a água lambar nossos rostos e limpar nossos corpos. Toda terra, toda a poeira impregnada da seca era varrida pela água que caía.

A leitura de histórias para as crianças da vizinha que ficavam comigo se transformou em uma diversão. Gostavam mais das histórias inventadas do que das histórias escritas, diziam. Eu ria, como se todas as histórias de crianças não fossem inventadas. Eu repetia muitas histórias inventadas, elas nada diziam, quando eu terminava e perguntava se já haviam ouvido a história, diziam:

— Sim. Foi você quem inventou. Foi você quem contou... você já contou essa história.

As palavras saíam alegremente de suas bocas ao dizer que eu que contei e eu que inventei. Um dia, esclareci que a maioria das histórias eu não inventei, mas ouvi da minha mãe, do meu pai e dos meus avós quando criança e como eu tinha uma boa memória, eu não esqueci. Também, falei que muitas histórias eu li, eram histórias escritas.

— E são tão boas também, né?! — Dizia a menina, filha da vizinha.

Ficar longe do trabalho e não saber o que fazer para viver é muito difícil. O mundo todo estava assim, todas as pessoas do mundo estavam vivendo assim. Ver o jornal me fazia pensar que o mundo estava muito doente e ninguém tinha descoberto a cura. Só havia notícias sobre o vírus e quem podia nos ajudar, não sabia o que fazer ou não queria.



Mas, como minha mãe dizia, não dá pra a gente viver resmungando o tempo todo porque a tristeza vem, mas a felicidade também. Eu tive uma grande surpresa. Se a minha vizinha me fazia me sentir útil ao cuidar das suas crianças, a coitada pouco podia fazer a não ser ir trabalhar, ela não tinha escolha... consegui por um talento que nem sabia que tinha... crianças nos fazem despertar o que temos de melhor... alguém falou algo disso... recebi um convite para espalhar mais histórias inventadas e escritas.

— Ouvi dizer que conta histórias, certo?! — Perguntou já respondendo o dono da mercearia da esquina.

— Bem... conto histórias para algumas crianças que ficam comigo enquanto a mãe vai trabalhar.

— Mas ouvi dizer que são histórias boas.

— Outras crianças já ouviram também. Outro dia veio as crianças amigas das crianças da vizinha.

Um outro dia, a presidente da associação de moradores.

— Você é boa nisso. Poderia contar essas histórias para outras crianças.

— Nunca fiz. Foi para manter as crianças ocupadas... e eu também precisava ficar ocupada. — Falei para a presidente. Eu precisava me ouvir. Eu precisava contar histórias. Eu precisava ouvir outras histórias que não aquelas que ouvíamos todos os dias.

— Mas você pode manter também outras crianças ocupadas. Eu acho que até adultos vão querer... velhos... os velhos que ficam em casa sozinhos... podem gostar de ouvir também. Você tem uma ótima voz e vai ficar muito boa no rádio.

— Rádio?

— É, no rádio da associação de moradores daqui. Nunca ouviu? A gente dá bastante informação para a comunidade aqui... você nunca ouviu sobre a distribuição de cestas básicas? Temos... você poderia receber uma cesta todo mês. Estamos procurando gente pra ajudar e você pode nos ajudar assim... também você não teria contato com ninguém... não há risco.

— Nossa, nunca pensei que pudesse fazer isso.

— Vai, garota. A gente ajuda... todo mundo se ajuda aqui.

É eu sei, todo mundo se ajudava. Eu ajudei a vizinha, a vizinha me ajudou, ajudei o carcará, ele me ajudou com a sua presença, as crianças me ajudaram e eu ajudei elas. Acho que essa corrente humana dá uma boa história.

— Aceito.

— Ela sorriu... distante.

A minha voz inundava corações e ouvidos das pessoas da minha comunidade, do meu bairro. A estação AM 32,9 era companheira das pessoas ali isoladas e daquelas que pouco podiam fazer, a não ser sair de casa para trabalhar... para todas elas o cair da noite me dava um prêmio, uma alegria de contar histórias, uma sensação de contar histórias de ninar para crianças e adultos. No começo foram duas histórias por semana, depois dia sim, dia não. Se achavam que eu estava levando boas histórias e leveza para a comunidade, mal sabiam, eram elas que me permitiam encher a minha alma de satisfação e consolo. Se algum dia pensei em injustiças e desgraças por ter sido mandada embora de um emprego onde ninguém me considerava, entendi que a vida às vezes nos tira o que não compreendemos para poder nos trazer coisas melhores.

Essa história eu gosto de contar.

Uma história de um tempo que eu já me lembro.

Cida Chagas

cidachagas2000@gmail.com

Sou Pedagoga e Socióloga. Tem três filhos, Letícia, Davi e Luan. Profissionalmente sou servidora pública federal atuando na área de direitos humanos. Sou escritora e em 2017 publiquei meu primeiro livro infantil intitulado “Saci Pererê, o menino mágico e travesso”. Tenho um site onde posto alguns escritos que não serão destinados a editoras: www.cidachagas.com.

Autores para Apoiar

Johncito



<http://catarse.me/mejohncito>

Solaine



<http://catarse.me/solainescrevendo>

May Barros



<http://catarse.me/maybarros>

Larissa Siriani



<http://catarse.me/larissasiriani>

Clara Alves



<http://catarse.me/claraalves>

Vicverso



<http://catarse.me/vicverso>

avessa

autoral, criativa e diferente

Campanha de Financiamento Coletivo

Queremos remunerar os autores que publicam conosco e para isso precisamos de sua ajuda!

<http://catarse.me/revistavessa>

